



A REPRESENTAÇÃO DE LAR(ES) NO ROMANCE *GEOGRAPHIES OF HOME*

Juliana Borges Oliveira de Morais¹

Geographies of Home, escrito pela autora contemporânea de origem dominicana Loida Maritza Pérez, retrata a história de uma família que emigra para os Estados Unidos devido à situação de extrema pobreza e de falta de oportunidades na República Dominicana. A emigração torna-se para esta família uma possibilidade de esperança, de uma melhor condição de vida. No entanto, mesmo após vários anos vivendo nos Estados Unidos uma ideia insiste em rondar os pensamentos desta família: a de lar. Seja na forma de um desejo e/ou de uma memória, a ideia de lar é apresentada e re-apresentada no romance, principalmente pelas personagens Aurelia, Iliana, Rebecca e Marina, objetos da minha análise. No presente trabalho analiso a representação do conceito de lar em *Geographies of Home*: sugiro que há várias concepções de lar, ao invés de um ao longo da narrativa e também que há diversos lares até para a mesma personagem.

Enquanto uma visão tradicional de lar tende a estabilizar e fixar este conceito, na narrativa lar seria um conceito fluido: um processo ao invés de um produto. Neste ensaio parto da teorização de Rosemary George, que postula três possíveis conotações para “lar:” o espaço privado; o espaço geográfico da comunidade ou país; e um espaço imaginado. Segundo ela, a primeira conotação de lar seria a do espaço privado de onde os indivíduos viajam para as arenas maiores da vida e para o qual retornam ao final do dia. Já a segunda conotação seria um espaço geográfico mais amplo ao qual se poderia pertencer, como um país. E, finalmente, lar poderia se referir a uma locação imaginada mais prontamente encontrada em uma paisagem mental do que propriamente em uma geografia física². A complexidade de se analisar o conceito de lar encontra-se no fato não só de que ele pode remeter a diferentes conotações, como postula George, mas também no fato de que estas conotações não são necessariamente excludentes entre si. Elas muitas vezes se sobrepõem ou são contingentes, dependendo do contexto e situação vividos.

A ideia de lar está tradicionalmente associada com a ideia de natividade: indivíduos se veriam pertencendo em espaços imaginados pela *nassaince*, *natio*, quer seja no sentido de se nascer

¹ Mestre em Literaturas de Expressão Inglesa – Faculdade de Letras da UFMG. Doutoranda em Literatura Comparada – Faculdade de Letras da UFMG

² GEORGE, Rosemary. *The Politics of Home: Postcolonial Relocations and Twentieth-century Fiction*. Los Angeles: U of California P, 1996, p.11.



em um mesmo território, por meio da experiência da “comunidade imaginada”³, ou no sentido de se nascer em uma mesma família, o espaço privado. Apesar de problematizações desses espaços, tal qual Patricia Hill Collins⁴ faz em relação à família, ainda assim eles tendem a ser idealizados como locais de pertença. Somando a isso, em um tempo no qual movimentos migratórios se fazem tão presentes, tem-se nova problemática em relação a lar.

Em *Geographies of Home* as personagens são diaspóricas, à luz de Paul Gilroy⁵: nasceram na República Dominicana, um país diretamente associado à rota escravocrata. Elas são também consideradas negras no território norte-americano devido ao sistema de classificação racial binário vigente neste país. São vários os fatores que se mesclam e tecem suas identificações a cada momento, tais como gênero, etnia e raça. Estas identificações perpassadas também pelo aspecto transnacional. Todos estes fatores exercem um papel no que se refere a pertencimento, e a conceitos de lar que estas personagens controem ao longo da narrativa.

Começo a minha análise pela personagem Aurelia, mãe das demais a serem abordadas. Aurelia inicialmente concebe lar de forma binária: o passado (lar) em relação ao presente (não-lar). Chegando aos EUA, Aurelia contrasta o solo cinza de Nova Iorque com o solo dominicano, em sua memória algo familiar, firme, seguro. No entanto, Aurelia não idealiza o espaço dominicano, como se poderia supor. Ela mantém viva em sua memória o fato de que lá ela passava por muitas dificuldades. Aurelia tem um desejo por lar que não é sinônimo de um desejo de volta à pátria, tal qual afirmação de Avtar Brah de que o sujeito diaspórico tem o desejo de pertença, mas não traduzido em uma procura por locação como um espaço de origem⁶. Segundo Brah o conceito de diáspora oferece uma crítica a discursos de origens fixas e Aurelia ilustra bem esta situação.

Apesar de ser a personagem que mais lembra o leitor a respeito da República Dominicana, Aurelia não o faz sob uma forma de idealização da “comunidade imaginada,” mas como um espaço imaginado à partir do qual ela tenta construir uma ideia de lar em solo norte-americano. Em conversa com seu marido Papito, por exemplo, ela expressa a decisão de não retornar à República Dominicana, apesar de até ter meios financeiros para tal:

tantas vezes Aurelia e Papito haviam pensado em retornar à RD, mas permaneceram nos EUA para ficar perto de seus filhos casados e porque a filha caçula, lembrando pouco da terra natal deles, a considerava um lugar

³ ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Capitalism*. New York: Verso, 1996, p.6.

⁴ COLLINS, Patricia Hill. *It's All in the Family. Intersections of Gender, Race and Nation*. In: NARAYAN, Una; HARDING, Sandra. *Decentering the Center: Philosophy for a Multicultural, Postcolonial and Feminist World*. Bloomington: Indiana UP, 2000. p. 156-176.

⁵ GILROY, Paul. *The Black Atlantic: Modernity and Double-Consciousness*. Cambridge: Harvard UP, 1993.

⁶ BRAH, Avtar. *Cartographies of Diaspora: contesting identities*. New York: Routledge, 1996, p.16.



atrasado, guiado pela pobreza [...] Não é que [Aurelia] romantizava o passado ou acreditava que as coisas haviam sido melhores há tempos atrás. Ela tinha sido pobre até na República Dominicana⁷ (tradução minha).

Aurelia sabe que mesmo tendo a chance, voltar à República Dominicana não seria uma solução para seus problemas. Ao invés disso ela tenta construir ideias de lar no território aonde habita no momento.

Uma primeira tentativa seria por meio do espaço da casa, espaço privado que Rosemary George postula como uma possibilidade de significação para lar⁸. Aurelia é posta à prova, no entanto, quando Marina põe fogo na cozinha de sua casa: ela então expressa sua frustração ao ver seu esforço de anos de “transformar a casa em um lar” ser consumido em chamas. Paradoxalmente, é neste ponto da narrativa que Aurelia percebe lar como algo não necessariamente associado a um lugar físico, e sim a um espaço mental.

Aurelia busca, então, um espaço outro de pertencimento tanto para si quanto para sua família, sendo que a memória de suas raízes a ajudam nesta busca. Um dos fatores resgatados em sua memória e que a ajudam neste processo é a espiritualidade afro-caribenha, como práticas do vudu. Resgatando uma tradição do passado ela encontra forças para superar obstáculos em sua locação presente, tal qual no episódio da morte de Pasi6n. Finalmente, após várias estratégias, Aurelia conclui, a respeito de lar, que

depois de mais de quinze anos mudando de apartamento em apartamento, ela havia sonhado não em retornar para o lar/casa, mas em ir para o lar/casa. Ir para “casa” não para um lugar localizado em nenhum mapa [...]. Só agora ela entendeu que a sua alma havia desejado não um local geográfico, mas por uma “moldura na mente” que acomodasse qualquer lugar como lar/casa (tradução minha).⁹

Quando Aurelia concebe lar como um espaço imaginado, ao invés de físico, ela então se permite viver a experiência de lar como uma experiência vivida de uma localidade. Aurelia sugere novas possibilidades de pertença, perpassadas por aspectos ligados tanto ao local quanto ao global, o último representado pelo espaço diaspórico vivido por ela no país “hospedeiro”.

Iliana, a única filha a ter acesso à universidade, desde o início da narrativa problematiza posicionamentos tradicionais em relação à idéia de lar, tal qual o espaço familiar. Apesar de escolher voltar à casa dos pais após preconceitos raciais vividos no ambiente da faculdade, ainda assim ela pondera sobre esse retorno. Ela se mostra consciente de que viver em família nunca havia sido uma experiência destituída de problemas. Voltar para a casa dos pais significaria, por exemplo,

⁷ PÉREZ, Loida Maritza. *Geographies of Home*. New York: Penguin, 1999, p.22-23.

⁸ GEORGE, Rosemary. *The Politics of Home: Postcolonial Relocations and Twentieth-century Fiction*. Los Angeles: U of California P, 1996, p.11.

⁹ PÉREZ, Loida Maritza. *Geographies of Home*. New York: Penguin, 1999, p.137.



perder a liberdade de escolher suas próprias roupas, e também perder a autonomia para falar o que pensa – um retrocesso após viver fora.

No entanto, ainda assim, uma voz insiste em levar Iliana ao encontro de sua família. Iliana lembra de uma terra-natal ensolarada com palmeiras e praias¹⁰, mas, apesar de se lembrar da República Dominicana de forma menos dura que a mãe, talvez por ter partido de lá ainda criança, ela não deseja a volta a esse país. O seu desejo de retorno, no início da narrativa, é para a casa de seus pais – uma micro República Dominicana em Nova Iorque. Daí sua decepção ao perceber que na casa dos pais não havia mais o toque dominicano, mas a imitação do que os pais supunham ser uma casa típica americana. Assim, tanto a comunidade imaginada quanto o espaço privado como “lar” são problematizados por Iliana.

Ela reconstrói sua noção de lar ao longo da narrativa de forma a questionar qualquer espaço físico que pudesse representá-lo e sua conclusão se assemelha à de sua mãe: Iliana passa a perceber lar não como algo atrelado a uma localidade física, mas a um estado interior de vivência da localidade, onde quer que essa seja. Tanto Iliana quanto Aurelia ilustram o pensamento de que é a experiência vivida da localidade, tal qual postulado por Brah¹¹ com toda a sua ambivalência, que faz tangível a ideia de lar na diáspora.

Outra personagem a ser analisada é Rebecca, filha que sofre violência doméstica. Rebecca é uma personagem instigante, pois ao mesmo tempo em que ela é corajosa o suficiente para se mudar sozinha para um país estrangeiro à busca de melhores oportunidades para toda a família, ela também é aquela a se submeter a constantes abusos por parte de seu marido, Pasión.

Rebecca pauta sua ideia de lar focando em suas memórias do Trujillato. Ela compara sua vida com Pasión ao que ela viveu na época da ditadura e conclui que se vários vizinhos desaparecidos no seu país de origem retornaram para casa após serem considerados mortos, então também Pasión poderia melhorar como marido e pai. Isto seria um milagre muito mais possível na concepção de Rebecca. No entanto, isso não ocorre. E, mesmo após a morte de Pasión, ela insiste em criar desculpas para o comportamento agressivo de seu marido.

Rebecca não vive a experiência de lar em seu espaço privado (assim como não o fazia na República Dominicana), apesar de alimentar uma ideia falsa para seus familiares e vizinhos até quando pode. Rebecca enfatiza que seu lugar é com Pasión, mesmo sendo submetida a abusos tanto físicos quanto morais. Ela se nega a efetivamente buscar outras possibilidades e, quando faz alguma tentativa e é coagida a retornar a um local de submissão, ela o faz. Isso se ilustra quando ela tenta

¹⁰ PÉREZ, Loida Maritza. *Geographies of Home*. New York: Penguin, 1999, p.4.

¹¹ BRAH, Avtar. *Cartographies of Diaspora: contesting identities*. New York: Routledge, 1996, p.192.



trabalhar fora para ajudar a pagar as contas e Pasi3n a faz retornar para seu local de passividade e submiss3o no espaço da casa.

N3o 3 que Rebecca n3o tivesse opç3es. Como reflete Iliana, por ter suas crianças nascidas nos Estados Unidos, ela poderia se separar de Pasi3n e obter ajuda financeira do governo at3 conseguir um emprego e um outro local para morar. Al3m do mais, seus pais tamb3m, por v3rias vezes oferecem abrigo a ela na esperança de permitir 3 filha o acesso a alternativas outras.

Rebecca, no entanto, parece imbu3da de ideias patriarcais no que se refere aos pap3is da mulher, principalmente no que se refere a ser uma dita boa esposa. Ela, apesar de buscar outro lar que n3o a comunidade imaginada, ainda parece idealizar lar como um local f3sico, preferencialmente o espaço privado que vive com Pasi3n. Mais que isso, Rebecca se submete 3 “ditadura local” de Pasi3n, apesar de ter sido a primeira a buscar alternativas para a fam3lia ap3s viver a ditadura na Rep3blica Dominicana. Resumindo, 3 no espaço da casa que Rebecca procura por pertencimento, por locaço e 3 neste mesmo espaço que, paradoxalmente, ela 3 mais subjugada e deslocada na narrativa.

Finalmente, tem-se Marina, a filha tida como louca. Ela p3e fogo na cozinha de sua casa, tenta suic3dio, e abusa sexualmente de sua pr3pria irm3 (Iliana). No entanto, apesar de deviante, Marina est3 presa ao ide3rio patriarcal e racista no qual se est3 imersa: ela deseja se casar, de prefer3ncia com um homem “branco,” ser modelo de filha e de beleza. No entanto, ela se frustra por n3o se ver alcançando tais objetivos. Seus desejos e frustraçoes influenciam diretamente suas construçoes de lar. Marina n3o parece transgredir normas a fim de quebrar paradigmas, mas por se sente frustrada ao n3o se ver encaixando nelas.

Uma consequ3ncia perversa de sua loucura 3 o fato de ser contida e silenciada pelo sistema que a oprime. Conforme advoga Sandra Almeida, a mulher louca serve ao patriarcado ao se opor 3 racionalidade e sanidade dos homens¹². Marina, assim, atesta a insanidade de mulheres em oposiço 3 sanidade dos homens e, por isso, na narrativa n3o se d3 ouvidos ao que ela tem a dizer. Sua voz 3 invalidada por sua loucura, paradoxalmente a sua forma de tentar ser ouvida. Afinal, a mulher s3 se cala. Caso n3o se silencie, 3 louca, e sendo louca, mais uma vez 3 silenciada. 3 o “catch-22” das mulheres ditas insanas na sociedade patriarcal. A quest3o de Marina, no entanto, 3 que ela parece querer aquilo que o sistema sanciona. Assim, suas transgress3es parecem ser mais um ato de fuga que umde transgress3o.

¹² ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. The Madness of Lispector’s Writing. In: OLIVEIRA, Solange Ribeiro; STILL, Judith. *Brazilian Feminisms*. Nottingham: U Nottingham P, 1999, p.102.



Marina não se vê pertencendo na casa dos pais, principalmente depois da chegada de Iliana, a quem ela inveja por diversos motivos: por ter tido acesso à universidade apesar de ser mulher, por ter saído da casa dos pais mesmo sem se casar primeiro, por ser festejada em sua volta— celebração a qual Marina, tal qual na parábola do filho pródigo, sente que nunca teve acesso. Marina opta, então, pela fuga a este sentimento de deslocamento: ela atea fogo na cozinha, dizendo que aranhas estão em todo o lugar. Estas aranhas podem ser vistas como uma materialização (ainda que imaginada) do desconforto de Marina em relação a tudo e todos que, em seu ponto de vista, a impedem de sentir-se “at home” na casa dos pais. Marina também foge de casa algumas vezes, perambulando a ermo, como se buscasse em vão um lugar físico qualquer que pudesse remetê-la à idéia de “lar.”

Na sua procura, Marina tenta vivenciar “lar” por meio da espiritualidade. No entanto, ela se frustra por não se sentir pertencendo nem mesmo dentro da igreja, entre aqueles que se dizem crer em Deus. Após um delírio (de acordo com os fiéis na igreja) ou visão (de acordo com Marina), ela é expulsa da igreja. Marina é humilhada publicamente e não conta com o apoio nem mesmo de familiares, exceto Iliana, que se preocupa com o bem-estar de sua irmã. Este episódio leva Marina a uma tentativa de suicídio. Ela diz à Iliana que vai para “casa/lar,” mas ao contrário do que Iliana supunha, Marina busca este lar não exatamente na casa de seus pais, mas nas pílulas que toma para se abstrair de sua experiência de não-pertença, de deslocamento.

Além de não se sentir “at home” na casa de seus pais ou na igreja, Marina também não se sente confortável em relação ao seu próprio corpo. Ela, por exemplo, recusa a cor de sua pele, tentando escapar a ela quando se lava exageradamente debaixo do chuveiro com esponja e desinfetante (na ânsia de se “purificar”). Neste episódio não é que Marina problematiza classificações ou preconceitos raciais: ela insiste na idéia de superioridade de ditos brancos, dizendo, por exemplo, que pessoas brancas sempre foram legais com ela¹³. Seu sentimento de não-pertença surge, então, do fato que ela se recusa a aceitar sua negritude (levando-se em conta o contexto dos Estados Unidos) mas também não consegue se ver como branca.

Marina se mostra consciente das limitações impostas a ela tanto pelo aspecto racial quanto pelo de gênero na sociedade em que vive. No entanto, ela também demonstra cumplicidade em relação a estas limitações: ela não admite, por exemplo, que Iliana, sendo mulher, tenha acesso a certas possibilidades, como frequentar a universidade. Marina suspeita da própria condição “feminina” de Iliana, investigando se esta por acaso não teria órgãos masculinos embutidos em seu

¹³ PÉREZ, Loida Maritza. *Geographies of Home*. New York: Penguin, 1999, p. 39.



corpo que justificassem o tratamento diferenciado que recebia. Marina expõe, desta forma, sua cumplicidade com o sistema patriarcal.

Finalmente, tendo em vista que tanto Marina quanto Rebecca estão presas no pensamento patriarcal, seus conceitos de lar também parecem um tanto quanto limitados. Aurelia e Iliana, de diferentes maneiras, reconstróem seus conceitos de lar de forma que estes se voltam mais para espaços imaginados que necessariamente físicos. Já Marina e Rebecca parecem manter ideias de lar atrelados ao espaço físico. E porque lar como espaço físico é um tanto quanto intangível, já que a experiência da localidade para sujeitos dispóricos é ambivalente, o sentimento de frustração destas personagens se torna uma constante. A experiência da diáspora no caso de Rebecca e Marina parece ser vivida pelo viés da perda, apesar de ambas terem oportunidades de recomeços no decorrer da narrativa: Marina tem a possibilidade de recomeço a cada vez que volta para casa após internações decorrentes de tentativa de suicídio e Rebecca também é apresentada a recomeços, sendo a morte de Pasi6n um bastante significativo na narrativa.

Já Aurelia e Iliana, diferentemente de Marina e Rebecca, parecem vislumbrar a experiência da diáspora como “o espaço ambíguo no qual a ideia de dispers6o est6 em constante tens6o com a ideia de lar – um constante embate entre o sentimentos de inclus6o e exclus6o se fazem presentes,”¹⁴ de acordo com as v6rias circunst6ncias apresentadas a elas ao longo do romance. Estas circunst6ncias s6o perpassadas por g6nero, raça, etnia, entre outros. Assim, Aurelia e Iliana se permitem vivenciar a diáspora n6o exclusivamnete sob o viés da perda, mas tamb6m sob o da esperança e de possibilidades de constantes recomeços.

Bibliografia

- ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. The Madness of Lispector’s Writing. In: OLIVEIRA, Solange Ribeiro; STILL, Judith. *Brazilian Feminisms*. Nottingham: U Nottingham P, 1999. p.101-115.
- ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Capitalism*. New York: Verso, 1996.
- BRAH, Avtar. *Cartographies of Diaspora: contesting identities*. New York: Routledge, 1996.
- COLLINS, Patricia Hill. It’s all in the Family: Intersections of Gender, Race and Nation. In: NARAYAN, Una; HARDING, Sandra. *Decentering the Center: Philosophy for a Multicultural, Postcolonial and Feminist World*. Bloomington: Indiana UP, 2000. p.156-176.
- GEORGE, Rosemary. *The Politics of Home: Postcolonial Relocations and Twentieth-century Fiction*. Los Angeles: U of California P, 1996.

¹⁴ BRAH, Avtar. *Cartographies of Diaspora: contesting identities*. New York: Routledge, 1996, p.197.



GILROY, Paul. *The Black Atlantic: Modernity and Double-Consciousness*. Cambridge: Harvard UP, 1993.

PÉREZ, Loida Maritza. *Geographies of Home*. New York: Penguin, 1999.